

## LETRAMENTO VERDE: A PAIDEIA DE MARGEM DOS ENSAIOS AMAZÔNICOS DE EUCLIDES DA CUNHA

Anabelle Loivos Considera – FE/UFRJ<sup>1</sup>

**Resumo:** Um dos aspectos menos enfatizados nas interpretações correntes sobre a obra de Euclides da Cunha é o conjunto de seus escritos amazônicos, reunidos em *Contrastes e confrontos* (1907) e em *À margem da história* (1909). Bem antes da legitimação de conceitos como "ecologia", "responsabilidade social" e "questões ambientais", Euclides soube fazer uma ampla e importante reflexão sobre a Amazônia como "terra sem história". Intentamos recolocar a importância desse "letramento verde" na obra de Euclides da Cunha, a fim de compreender melhor as representações da selva e do sertão na obra desse que é um dos mais relevantes intérpretes do Brasil.

**Palavras-chave:** Euclides da Cunha, letramento verde, *paideia* de margem

*Tachem-me muito embora de antiprogressista e anticivilizador; mas clamarei sempre e sempre: – o progresso envelhece a natureza, cada linha do trem de ferro é uma ruga e longe não vem o tempo em que ela, sem seiva, minada, morrerá! E a humanidade, não será dos céus que há de partir o grande “Basta” (botem b grande) que ponha fim a essa comédia lacrimosa a que chamam vida; mas sim de Londres; não finar-se-á o mundo ao rolar a última lágrima e sim ao queimar-se o último pedaço de carvão de pedra...*

*Tudo isto me revolta, me revolta vendo a cidade dominar a floresta, a sarjeta dominar a flor!*


(CUNHA, 2009, v. 1, p. 804)

### **Euclides: letramento verde, escrita de margem, paideia do Brasil**

Em 4 de abril de 1884, para um jornal escolar do Colégio Aquino, denominado O Democrata, Euclides da Cunha escreve seu primeiro texto em prosa, que denomina “Em viagem (Folhetim)”. Nele, o escritor, então com 18 anos, antevê e defende o conceito do que chamaríamos, modernamente, “ecologia”. Na pena do jovem jornalista, o progresso surge como benesse a ser questionada, uma vez que se divisa na “curva sinistra, entre o claro azul da floresta, a linha da locomotiva, como uma ruga fatal na fronte da natureza...” e revolta o articulista que está “vendo a cidade dominar a floresta, a sarjeta dominar a flor!” Em uma crônica aparentemente despretensiosa e edênica, o estilo e o

---

<sup>1</sup> Professora associada à Faculdade de Educação da UFRJ. Doutora em Literatura Comparada pela UFF. Contato: analoivos@gmail.com




pensamento euclidiano em formação já marcam o compasso de problematização das questões ecopolíticas mais candentes de sua época. Euclides faz da “viagem” do rapaz que ele era, entre uma estação e outra, um verdadeiro libelo em defesa do meio ambiente, observador fino e sensível que era da natureza do Estado do Rio de Janeiro e da decadência das cidades do Vale do Paraíba, pós-ciclo do café.

O Euclides que se apresenta, em textos como o da epígrafe, é já um multipensador. E assim se define por sua dicção política e por seu embasamento filosófico: tendo sido matemático e engenheiro, além de leitor voraz de tratados de botânica e geologia, não era de se espantar que seus escritos, ainda que de base empírica, trilhassem os caminhos da geografia física e mesmo da geografia humana. Esses mesmos estudos preliminares nas áreas geológica e geográfica, desde a época da Escola Militar da Praia Vermelha, renderam a Euclides informações e questionamentos sobre o tema do meio ambiente, quando ele ainda não constituía um campo do saber específico.

Em Canudos, Euclides se deparou com as questões ambientais do sertão, com a seca e com as adversidades climáticas, tendo formulado diversas hipóteses sobre a formação do clima e sua influência nos movimentos migratórios populacionais de então. Em termos mais específicos, deu contorno, em *Os sertões*, a uma teoria sobre a formação do clima do Nordeste extremamente original para a época, considerando que derivaria de uma corrente de ventos que vinha dos Andes. Acresceu a ela a sua dedicação autodidata à geologia, descrevendo a formação das rochas que caracterizavam o clima árido do Nordeste. Como sociólogo, dissecou o fenômeno da seca e denunciou que, pelo menos em parte, ela era usada demagogicamente pela retórica vazia dos políticos, mais interessados em manter as péssimas condições sociais do sertanejo. Fazendo essa denúncia, Euclides também foi um protoecologista, defendendo abertamente a construção de sistemas de irrigação espalhados pelo Nordeste:

*Os romanos depois da tarefa da destruição de Cartago tinham posto ombros à empresa incomparavelmente mais séria de vencer a natureza antagonista. E ali deixaram belíssimo traço de sua expansão histórica.*

*Perceberam com segurança o vício original da região, estéril menos pela escassez das chuvas do que pela sua péssima distribuição adstrita aos relevos topográficos. Corrigiram-no. [...] De sorte que este sistema de represas, além de outras vantagens, criara um esforço*



*de irrigação geral. Ademais, todas aquelas superfícies líquidas esparsas em grande número e não resumidas a um Quixadá único – monumental e inútil – expostas à evaporação, acabaram reagindo sobre o clima, melhorando-o.*

*Deste modo as águas selvagens estacam, remansam-se, sem adquirir a força acumulada das inundações violentas, disseminando-se, afinal, estas, amortecidas, em milhares de válvulas, pelas derivações cruzadas. E a histórica paragem, liberta da apatia do moslim inerte, transmuda-se volvendo de novo à fisionomia antiga. A França salva os restos da opulenta herança da civilização romana, depois desse declínio de séculos.*

\*

*Ora, quando se traçar, sem grande precisão embora, a carta hipsométrica dos sertões do Norte, ver-se-á que eles se apropriam a uma tentativa idêntica, de resultados igualmente seguros. (CUNHA, 2009, v. 2, pp. 51-2)*

Republicano de primeira hora e um dos mais ferrenhos críticos da República dos marechais, ousou denunciar, em diversos artigos, a implantação das ferrovias, atreladas ao capital estrangeiro, bem como a devastação do meio ambiente e das comunidades isoladas e suas tradições pelas estradas de ferro. Quando finalmente chega à Amazônia, sonho acalentado e perseguido por Euclides durante boa parte de sua vida como “adido” a tropas militares e missões diplomáticas do Itamaraty, também se deparou com atentados ao meio ambiente e com a situação de escravismo imposta aos seringueiros pelos donos de barracões. Embarcando profundamente na literatura científica ou mesmo ficcional sobre viagens, o caboclo de Cantagalo adere ao projeto iluminista dos viajantes naturalistas, conjugando um olhar municiado – que atendia aos anseios classificatórios e enciclopedistas de então – a um outro, artístico, justamente no que tange à “escrita verde” – que opera o deciframento de uma pátria esquecida nos sertões e de todos os seus “outros”, mitigados pelo processo civilizatório. Por tudo isso, Euclides da Cunha se qualifica como um intelectual de vanguarda no que tange às preocupações com os impactos ambientais, ecológicos e sociopolíticos das entradas promovidas pelos ideais de ordem, civilização e progresso da nascente república brasileira.

Em sua ecoescrita “Fazedores de Desertos”, um dos mais pungentes textos de *Contrastes e confrontos* (1907), Euclides antecipa questões cruciais para a preservação do meio ambiente, denunciando o modelo perverso de ação do homem e do capital sobre a natureza: “Porque o homem, a quem o romântico historiador negou um lugar no

meio de tantas grandezas, não as corrige, nem as domina nobremente, nem as encadeia num esforço consciente e sério. Extingue-as” (CUNHA, 2009, v. 1, p. 90).

*Daí o quadro lastimável descortinado pelos que se aventuram, nestes dias, a uma viagem no interior – varando a monotonia dos campos mal debruados de estreitas faixas de matas, ou pelos carregadores longos dos cafezais requeimados, desatando-se indefinidos para todos os rumos – miríades de esgalhos estonados quase sem folhas ou em varas, dando em certos trechos, às paisagens, um tom pardacento e uniforme de estepe...*

*Mas é natural o fenômeno. Nem é admissível que ante ele se surpreendam os nossos lavradores, primeiras vítimas dessa anomalia climática.*

*Porque há longos anos, com persistência que nos faltou para outros empreendimentos, nós mesmos a criamos.*


*Temos sido um agente geológico nefasto, e um elemento de antagonismo terrivelmente bárbaro da própria natureza que nos rodeia.*

*É o que nos revela a história.* (CUNHA, 2009, v. 1, p. 87)

Sobre a extração de minérios, tomada como modelo exploratório, o autor-errante sabe que não há de resultar em desenvolvimento algum para a população local; sabe, também, que grupos de interesse puramente mercantil invadem a floresta para deitar ao chão as madeiras nobres, pilhando a nossa “biodiversidade” – o que Euclides já intuía tratar-se de crime ambiental e de contrabando de espécies: “Persistimos na tendência primitiva e bárbara, plantando e talando. E prolongamos ao nosso tempo esse longo traço demolidor, que vimos no passado” (CUNHA, 2009, v. 1, p. 88). A intervenção desordenada do homem transforma os solos férteis em desertos estéreis: geleiras em degelo; extinção da flora e da fauna em grande escala. Os desequilíbrios ambientais afetam diretamente a esfera econômica.

*É o que observa quem segue, hoje, pelas estradas do oeste paulista. Depara, de momento em momento, perlongando as linhas férreas, com desmedidas rumas de madeira em achas ou em toros, aglomeradas em volumes consideráveis de centenares de ésteres, progredindo, intervaladas, desde Jundiaí ao extremo de todos os ramais.*

*São o combustível único das locomotivas. Iludimos a crise financeira e o preço alto do carvão de pedra atacando em cheio a economia da terra, e diluindo cada dia no fumo das caldeiras alguns hectares da nossa flora. Deste modo – reincidentes no erro – a inconveniência provada das lavouras ultra-extensivas e ao cautério vivo das queimas, aditamos o desnudamento rápido das derribadas em grande escala.* (CUNHA, 2009, v. 1, pp. 88-9)




O resgate dessa dicção “ecopolítica” de Euclides da Cunha tornou-se vital ao debate sobre a atualidade de sua obra. A inserção do autor fluminense como leitor do cenário geopolítico e cultural da belle époque, tanto a carioca quanto a amazônica, trouxe à tona relatos ímpares sobre sertões e selvas, como representações literárias da natureza e da ruína, sublinhando a paixão peculiar de Euclides pelas questões brasileiras e o seu rigor científico. A experiência de partilha dos textos na escola básica que apontaremos a seguir teve por mote, exatamente, os vieses eco e etnopolíticos dos escritos euclidianos. As leituras realizadas com professores e alunos do ensino fundamental II e do ensino médio se pautaram pela antevisão que teve Euclides acerca dos problemas amazônicos, através da análise comparada de trechos dos seus muitos (embora menos conhecidos) ensaios “selvagens”.

#### **Para falar de Euclides e Ecopedagogia – letras verdes na sala de aula**

E de onde surgiu esta nossa inquietação, em particular, com o legado amazônico de Euclides da Cunha? Por que sentimos que a disciplina de Didática Especial e Prática de Ensino de Literaturas de Língua Portuguesa poderia efetivamente contribuir para uma discussão sobre “ecopedagogia” ou “ecoleitura”, a partir dos textos euclidianos? A resposta é simples, mas demandou uma complexa trama de pressupostos teórico-metodológicos, desde a escolha do corpus do curso até a sua execução para os diferenciados grupos de interesse.

Creemos que, entre Ecologia e Letras, há mais possibilidades pedagógicas do que sonha a nossa vã filosofia da Educação: sabe-se que as questões da conservação ambiental e da promoção da saúde são paradigmáticas em tempos atuais, e que marcam presença nos Parâmetros Curriculares Nacionais, como temas transversais. Para além de dominar a língua e fruir dos textos escritos em português, nós, professores da área de linguagens, códigos e suas tecnologias, objetivamos que nossos alunos-leitores do ensino fundamental e do ensino médio compreendam os princípios éticos e ecológicos que nos permitirão uma relação saudável com o meio ambiente em que vivemos. Trata-se de uma leitura comprometida, ecopedagogia que transforma, mais do que simplesmente informa valores. Na esteira de Gadotti, creemos que “a sustentabilidade




que defendemos refere-se ao próprio sentido do que somos, de onde viemos e para onde vamos, como seres do sentido e doadores de sentido de tudo o que nos cerca” (GADOTTI, 2000, p. 35).

Dessa maneira, torna-se necessário investigar as potencialidades existentes na relação Ecologia X Letramento X Educação, ensejando uma reflexão acerca do estatuto literário e sobre sua função sociocultural de representação das várias linguagens que constroem as imagens ecopedagógicas. Entendemos que essas teias discursivas se apresentam, contemporaneamente, como espaço privilegiado de “letramento verde”, resultando numa alternativa para potencializar o debate em torno do sentido do humano, que figura no consórcio existente entre a dimensão ética e a dimensão estética da linguagem. Diga-se, aqui, consórcio este que o próprio escritor Euclides da Cunha já apontava como “língua elevada” e única possível para a compreensão integral da modernidade, via Ciência e Arte:

*Sagrados pela ciência e sendo de algum modo, permita-me a expressão, os aristocratas da linguagem, nada justifica o sistemático desprezo que lhes votam os homens de letras – sobretudo se consideramos que o consórcio da ciência e da arte, sob qualquer de seus aspectos, é hoje a tendência mais elevada do pensamento humano. [...] o escritor do futuro será forçosamente um polígrafo; e qualquer trabalho literário se distinguirá dos estritamente científicos, apenas, por uma síntese mais delicada, excluída apenas a aridez característica das análises e das experiências. (CUNHA, 2009, v. 2, pp. 874-5)*

Sempre nos preocuparam, em nossas aulas de Didática/Prática de Ensino, as questões candentes sobre a formação do professor de letramento, no âmbito da licenciatura em Letras/Literatura, para a formulação de uma abordagem didático-metodológica “ecoleitora”. Mais ainda, ansiávamos por levar esses conceitos e experimentações para a sala de aula de nossos campos de estágio, interagindo com os professores da educação básica que recebem nossos licenciandos para seu período de estágio supervisionado nas escolas. Era preciso, portanto, “atar as duas pontas” deste processo criativo: de um lado, consoante a dinâmica do projeto de Extensão, a concepção metodológica do “letramento verde” e a produção de materiais didáticos específicos; e, de outro, o profissional da Educação e os alunos que fariam, na prática, “acontecer” esse sofisticado e prazeroso processo ecoleitor.




Para nos lançar a essa tarefa, o primeiro passo foi integrar os agentes dessa “leituração” – entendida, aqui, como uma proposta interdisciplinar de formação de professores plurais, para visões de mundo em amplitude –, através da proposta de um curso de extensão (“Letras verdes em Euclides da Cunha”), em que todos pudessem experimentar e produzir novas leituras a partir do legado literário e histórico de um grande nome da literatura nacional, Euclides da Cunha. Ressaltamos, amiúde, a necessidade de reaprender, por parte dos docentes e monitores ligados ao projeto, uma competência analítica em cada um dos gêneros literários, mas que mantenha estreita relação com o homem e a vida – *leitmotivs* primordiais da literatura, enfim. A proposta metodológica desse “letramento verde” seguiu, então, na insistência da concepção da linguagem como transcendência e vitalidade, como espaço de realização do homem e materialização da cultura, em todas as suas faces. Daí, elegermos a literatura amazônica de Euclides da Cunha como espaço possível para o diálogo com as falas sobre e do meio ambiente – ousando fazê-lo através da saborosa arte de contar e de ouvir histórias, à maneira ribeirinha.

Antes de tudo, é preciso explicar que sabíamos que os escritos amazônicos de Euclides – que geralmente constituem um dos aspectos menos abordados nos estudos sobre a obra do autor fluminense – mereciam um exame mais atento por parte dos “leitores qualificados” com quem lidávamos, os multiplicadores e formadores de leitores na escola: professores e licenciandos. A par disso, entendíamos que o apelo desses escritos, produtos textuais de há mais de um século e frutos de uma sociedade em ebulição e transição, era extremamente contemporâneo e desafiador – em que pesem todas as suas aporias de construção ensaística e todos os seus datamentos históricos. Em suma, víamos nos escritos amazônicos de Euclides o apogeu de um escritor e a necessidade de “traduzir” o interesse de seu pensamento e a beleza de sua densidade literária para o leitor de hoje.

É patente que, muito antes da legitimação de conceitos como “ecologia”, “responsabilidade social” e “questões ambientais”, Euclides soube fazer uma ampla e importante reflexão sobre a Amazônia como “terra sem história”, onde os processos de exclusão social seriam tão ou mais severos quanto os que havia presenciado nos sertões da Bahia, em plena Guerra de Canudos. O curso de extensão propôs-se, assim, a






considerar a Literatura verde, buscando compreender melhor as representações da selva e do sertão na obra de Euclides da Cunha, um dos mais relevantes intérpretes do Brasil. Seria importante que repisássemos historicamente as trilhas euclidianas pela região amazônica. Euclides da Cunha fez, em 1905, uma expedição de reconhecimento do Alto Purus, quando redigiu os seus ensaios sobre a Amazônia, reunidos em *Contrastes e confrontos* e em *À margem da história*. Tais textos encontram-se dispersos em artigos e entrevistas de jornal, em crônicas e prefácios, em sua correspondência, além dos documentos da viagem. O narrador-viajante euclidiano, arauto do processo histórico e civilizatório, segue trilhas e pistas pela floresta. Representa a selva como *locus horrendus* que, paradoxalmente, se situa fora da história e da geografia, tornando possíveis atos de violência e barbárie – como o cárcere dos seringueiros e a destruição das matas, devastadas pelas queimadas indígenas, pela exploração dos plantadores e pelas caldeiras dos barcos e locomotivas a vapor. Influenciado por leituras que apregoavam a impossibilidade de civilização nos trópicos, Euclides se encanta com o esplendor de Belém e retifica tais concepções idiossincráticas, até formar seu próprio conceito da Amazônia como “paraíso perdido”, página incompleta do Gênesis, cuja criação ainda não se concluíra:

*[...] subi para o convés, de onde, com os olhos ardidos da insônia, vi, pela primeira vez, o Amazonas. Salteou-me, afinal, a comoção que eu não sentira. A própria superfície lisa e barrenta era muito outra. Porque o que se me abria às vistas desatadas naquele excesso de céus por cima de um excesso de águas, lembrava (ainda incompleta e escrevendo-se maravilhosamente) uma página inédita e contemporânea do Gênese. (CUNHA, 2009, v. 2, pp. 874-5)*

*Um sábio no-la desvendaria, sem que nos sobressalteássemos, conduzindo-nos pelos infinitos degraus, amortecedores, das análises cautelosas. O artista atinge-a de um salto; adivinha-a; contempla-a, d’alto; tira-lhe, de golpe, os véus, desvendando-no-la na esplêndida nudez da sua virgindade portentosa. Realmente, a Amazônia é a última página, ainda a escrever-se, do Gênese. (CUNHA, 2009, v. 1, p. 595)*

Eis a grande ruptura da nacional narrativa modernista de Euclides, ou, em outras palavras, a sua paideia de margem: a opção pela escrita como o verdadeiro instrumento de transplante da selvageria para a civilização. Na missão à Amazônia, Euclides da Cunha fez-se novamente “viajante-narrante”, numa epopeia ao extremo-norte para





demarcar limites e fazer uma exploração topográfica. Entretanto, não levava consigo, apenas, os então precários instrumentos de medição, como o sextante, mas “cem, duzentos olhos, mil olhos perscrutadores” (CUNHA, 2009, v. 2, p. 193), como já enunciava em *Os sertões*. Para um dos mais importantes biógrafos de Euclides, Sylvio Rabello:

*O engenheiro que fora ao extremo norte demarcar o traçado de um rio e desvendar-lhe as cabeceiras desconhecidas, não levava apenas os instrumentos de precisão, mas sobretudo grandes e espantados olhos de observador. Olhos que viam tudo como em análise espectral. Vendo na Amazônia mais do que uma natureza. A outro viajante mais apressado ou mais descuidado, essa natureza pareceria só como num estado de preparação para a vida: o homem, os animais e as plantas vivendo quase do favor das águas. Para Euclides não. Ele viu o drama do homem no seu desesperado esforço de sobrevivência. O seringueiro trabalhando para ser cada vez mais escravo. (RABELLO, 1983, p. 284)*

Para Euclides, há mais de um século, compreender os processos etnopolíticos que produziram tamanhas desigualdades e aporias era palavra de ordem. Era preciso escrever uma nova história, uma outra *paideia* que desse conta da complexidade desses tantos Brasis. Por extensão, e na perspectiva de um ecoletramento, cremos que a leitura literária praticada na escola hoje pode e deve ser capaz de proporcionar uma viagem inteligente e sensível pelas imagens do equilíbrio ecológico e da opressão antiecológica em textos literários, para que os educandos narrem e registrem, sob múltiplos pontos de vista e formas de elocução, as suas próprias percepções ecoleitoras. Nas palavras de Angélica Soares, se compreendermos

*[...] a ecologia como morada (oikia) da linguagem (logos), enquanto força de criação (poietica), podemos nos deixar conduzir, nos estudos literários, por questões que envolvem o que desde sempre esteve ligado, o poético e o ecológico. (SOARES, 1992, p. 38)*

Permitimo-nos destacar um trecho de intenso lirismo desta verdadeira joia da literatura brasileira que é “Judas-Ahsverus”. Euclidianamente, o conto nos traz imagens verdejantes de um espírito conciliador entre o homem e a poética de sua inserção no meio ambiente – nem sempre cálida e muitas vezes sofrida:

*Judas-Ahsverus*

*No sábado da Aleluia os seringueiros do Alto-Purus desforram-se de seus dias tristes. É um desafogo. [...]*

*Nas alturas, o Homem-Deus, sob o encanto da vinda do filho ressurreto e despeado das insídias humanas, sorri, complacientemente, à alegria feroz que arrebenta cá embaixo. E os seringueiros vingam-se, ruidosamente, dos seus dias tristes. [...]*

*É um doloroso triunfo. O sertanejo esculpiu o maldito à sua imagem. Vinga-se de si mesmo: pune-se, afinal, da ambição maldita que o levou àquela terra; [...]*

*E Judas feito Ahsverus vai avançando vagarosamente para o meio do rio. Então os vizinhos mais próximos, que se adensam, curiosos, no alto das barrancas, intervêm ruidosamente, saudando com repetidas descargas de rifles aquele botafora. [...]*

*Caminha. Não pára. Afasta-se no volver das águas. Livra-se dos perseguidores. Desliza, em silêncio, por um estirão retilíneo e longo; [...]*


*E vai descendo, descendo... Por fim não segue mais isolado. Aliam-se-lhe na estrada dolorosa outros sócios de infortúnio; outros aleijões apavorantes sobre as mesmas jangadas diminuta entregues ao acaso das correntes, [...]*

*Depois, a pouco e pouco, debandam. Afastam-se; dispersam-se. E acompanhando a correnteza, que se retifica na última espira dos remansos – lá se vão, em filas, um a um, vagarosamente, processionalmente, rio abaixo, descendo... (CUNHA, 2009, v. 1, pp. 175-180)*

## **Uma proposta metodológica de ecoleitura e seus resultados práticos**

“Verdes Caminhos de Euclides da Cunha” foi o projeto pedagógico desenvolvido no ano letivo de 2009 pelo grupo de professores de uma das escolas parceiras do Projeto “100 Anos Sem Euclides” em Cantagalo, o Colégio Euclides da Cunha. Através da leitura de fragmentos de textos do escritor Euclides da Cunha, extraídos de *À Margem da História*, *Peru versus Bolívia* e *Contrastes e Confrontos*, alunos do 9.º ano do ensino fundamental e de todo o ensino médio da escola exploraram os escritos amazônicos desse autor, traçando um paralelo entre os ensaios, produzidos na passagem do século XIX para o século XX, e a atual situação ambiental em nosso país.

Os alunos foram apresentados a uma “fala” (a representação euclidiana) sobre o ambiente natural amazônico, tendo a oportunidade de confrontá-la com matérias jornalísticas produzidas na atualidade e outros textos literários e imagéticos que também tematizam a floresta. Deste primeiro contato, numa profusão de textos e contextos, professores e alunos partiram juntos para o desenvolvimento de materiais pedagógicos, que somam apresentações audiovisuais, murais, pesquisas, histórias infantis e outras




produções de muita qualidade, em que especialmente os meninos puderam expressar livremente suas próprias leituras dos textos euclidianos.

Essa releitura terá sido, por certo, motivadora de uma reflexão mais aprofundada sobre a relação do homem com o meio ambiente, nascida do embate dos alunos com os desafios estilístico-literários do texto euclidiano. Os depoimentos que o grupo de monitores do projeto recolheram ao longo do trabalho, junto aos professores e turmas envolvidas, nos dão conta de que, ao traçar um paralelo com a nossa situação ambiental, não apenas da Amazônia, mas do Brasil e até de Cantagalo (com seus “morros carecas”, na expressão de um jovem do 9.º ano do EF, para tentar traduzir a devastação a que foi submetida aquela importante região cafeeira), os alunos puderam constatar a contemporaneidade dos textos euclidianos através da grandiosidade de sua visão, à frente de seu próprio tempo, desmistificando, pelo menos parcialmente, o receio da leitura de textos que exploram uma linguagem comumente rotulada como “classicizante”.

Os alunos do 3.º ano do Ensino Médio, por exemplo, exploraram fragmentos de textos euclidianos, extraídos das obras *À margem da História, Contrastes e confrontos e Peru versus Bolívia*, relendo as ideias do autor em relação aos seringueiros e retratando a famosa expedição ao Rio Purus, realizada por Euclides da Cunha no início do século XX. Foram criadas, então, várias charges e histórias em quadrinhos baseadas no tema apresentado. O material motivador foi a série de reportagens feita em 2009 pelo jornal *O Estado de São Paulo*, confrontando a realidade vivenciada pelo escritor em 1905 com os relatos da expedição do saudoso jornalista Daniel Piza, que refez a viagem de Euclides pela Amazônia, mais de 100 anos depois. Os alunos corresponderam-se com o jornalista de *O Estadão*, trocando com ele e-mails sobre suas impressões, e receberam de presente o vídeo produzido durante a expedição de 2009 – que também foi discutido nas aulas de Língua Portuguesa, História e Biologia. Vale a pena destacar um dos textos produzidos a partir dessas discussões, por um dos alunos do 3.º ano do EM e recolhido por monitores do Projeto:

*A partir dos textos lidos, de Euclides da Cunha, percebemos as dificuldades dos seringueiros, com seu trabalho sendo pouco ou nada recompensado. Os seringueiros tinham que pagar para exercer a profissão, que os escravizava. Completando o cenário, seu ofício era praticado solitariamente, sem qualquer auxílio ou companhia, em isolamento. O texto “Judas Ahsverus” retrata a personificação do*




*ódio que o seringueiro tinha de sua imagem. Através do Judas, boneco artesanal, era descarregada toda a fúria que o seringueiro tinha pelo seu sacrifício nada notado ou reconhecido, a não ser por ele mesmo. Desta forma, embora separados por quase um século, Euclides da Cunha, Chico Mendes e Marina Silva se irmanam na preocupação em dar voz à realidade do seringueiro, “um homem que trabalha para escravizar-se”.*

O resultado final de toda essa “epopeia euclidiana” em sala de aula foi bastante satisfatório, na opinião de mestres e alunos. Os grupos que trabalharam diretamente com os textos euclidianos foram, aos poucos, vencendo o desafio de sua leitura, com todos os percalços de linguagem e estilo, justamente porque puderam fazer isso com o ritmo adequado e com o acompanhamento solidário dos professores. Além disso, puderam compartilhar sua compreensão pessoal do texto ecocrítico de Euclides com os colegas, o que aproximou o universo euclidiano dos alunos e lhes permitiu constatar a contemporaneidade de seus textos.

Vencida a pretensa “barreira” da linguagem ricamente burilada pelo escritor e estreitadas realidades distanciadas não apenas geograficamente, mas também por mais de um século, foi mais fácil e prazeroso para os alunos perceberem a vastidão da Amazônia (bem como dos conceitos e preconceitos sobre a região) através do olhar crítico de Euclides da Cunha. Foi possível compreender, ainda, a *paideia* euclidiana como um enfileirar de projetos civilizatórios, desbravando sertões e consciências, para manter a opção pela pátria, num arroubo mais romântico-nacionalista do que republicano, propriamente... Esse encontro ecoleitor permitiu a alunos e professores percorrerem os verdes caminhos do escritor, aguçando a sua percepção do que faz o Brasil, Brasil, a sua grandiosidade geográfica, social e ambiental, ajudando na consolidação do sentimento de pertencimento a uma mesma nação.

### **Referências bibliográficas**

- BERNUCCI, Leopoldo M. *A imitação dos sentidos: Prógonos, Contemporâneos e Epígonos de Euclides da Cunha*. São Paulo: EDUSP, 1995.
- BRANDÃO, Adelino. *Paraíso perdido: Euclides da Cunha – vida e obra*. São Paulo: Ibrasa, 1997.
- CUNHA, Euclides da. *Obra completa*. Volumes 1 e 2. Org. Paulo Roberto Pereira. 2.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009.



GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da Terra. Ecopedagogia e educação sustentável*. 2ª ed. s/l: Fund. Peirópolis, 2000.

GALVÃO, Walnice Nogueira & GALLOTI, Oswaldo. (orgs.) *Correspondência de Euclides da Cunha*. São Paulo: EDUSP, 1997.

GUTIÉRREZ, Francisco e Cruz Prado. *Ecopedagogia e cidadania planetária*. São Paulo: Cortez, 1999.

HARDMAN, Francisco Foot. *A vingança da Hileia; Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna*. São Paulo, Editora UNESP, 2009.

LIMA, Luís Costa. *Euclides da Cunha: contrastes e confrontos do Brasil*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 2000.

RABELLO, Sylvio. *Euclides da Cunha*. (Coleção Vera Cruz; n.º 103.) 3.ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1983.

SANTANA, José Carlos Barreto de. *Ciência e Arte: Euclides da Cunha e as Ciências Naturais*. São Paulo: HUCITEC, 2001.

SOARES, Angélica. *Ecologia e Literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.

TOCANTINS, Leandro. *Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1992.

VENTURA, Roberto. “Visões do deserto: selva e sertão em Euclides da Cunha”. in: *Limites: 3.º Congresso da ABRALIC*. São Paulo/Niterói, EDUSP/ABRALIC, 1995.